



Editor responsavel, ANTONIO PACHECO

Praça da Batalha, 115—PORTO

Lithographia União

T. de Cedofeita, 22—PORTO

Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

Pagamento adiantado

Anno 500 reis.—Aviso, 20 reis.



Leo (f. f. XIII)

Copia d'um retrato pintado do natural por F. E. Laeylo

Politica



cantaro tantas vezes vae á fonte até que quebra a asa, diz o ditado. Ora o ministro da fazenda ainda não quebrou a asa; é, porém, muito provavel que com as propostas de fazenda, que apresentou ao parlamento, não só quebre as pernas, mas ponha de ditas para o ar todo o ministerio, o que a Deus praza, porque um maldito tão endemoninhado como este só... o que lhe succeder, pelo principio de que o filho costuma quasi sempre ser peor do que o pae.

O que é certo é que os progressistas (o grupo dos comilões com fome) cheirando-lhes já a ministerio cadaver-morto-sem-vida, começaram a ante-gostar o chocolate do poder, e, na sessão immediata á apresentação das propostas de fazenda, fizeram tal zaragata na camara que o *Casaca de Ferro*, que não é homem que perca as estribeiras, vendo-se desacatado, pouco faltou para os mandar a todos a Palmeira.

O outro grupo progressista (o dos comilões de papo feito) deu um cavaco de mil demônios pela caturreia dos seus correligionarios, que pertencem á outra philarmonia, lhes ir estragando o joguinho, pois estava e está combinado entre lucianaceos e hintzaceos que o actual governo se aguentar até ao fim do anno, vote as propostas de fazenda para o futuro gabinete lucianaceo não ter amargos de boca, e tudo se faça de modo e maneira que a intrujice da rotação continue por largos annos, para honra e proveito das clientelas e mortificação da tísica pulmonar dos contribuintes e do paiz.

A despeito, porém, dos esforços dos da roda, parece que o governo está com uma tísica intestinal incuravel, que terá fatal desfecho dentro de breves dias.

Os Saragoçanos da politica fazem previsões varias, de que os jornaes vêem peçados. Uns querem que haja recomposição, entrando para as obras publicas um loiro, que dá pelo nome de braço de Pá só; para os estrangeiros um mathematico-medico-physico-politico-intruja-jesuítico-liberalão-dos-quatro-costados, estrangeiro de nome, que se assigna W., parente proximo do limão verde; e para a fazenda outro estrangeiro, de nome e de pera no queixo, que dá pelo chamadoiro de K. Rilho, homem mui versado em papas de farinha de pau com sermim de madeira & orçamentologias avariadas. Outros, porém, ha que affirmam que os futuros salvadores da patria serão todos da marca chourigos-lucianacea, com mistura-e-mande de comilões de papo feito e de ditos de papo vasio.

Se, porém, nos é permitido metter bedelho na contenda, diremos com a franqueza ultra petardista que nos caracteriza, que quer uns, quer outros, não valem duas fumaças de um cigarro bregeiro; e que, se o paiz quer endireitar, e vêr que á divida fluctuante succede o contrario do que áquelles que tomam o chocolate de Mathias Lopes, deve apoiar um ministerio assim constituído:

Presidente do conselho sem pasta nem a posta de commissario regio ultramarino com 8 contos de reis de luvás—Mari Ano X. Rillo de Kar V. Alho.

Ministro do reino, sem 500\$000 reis por mez de subsidio para nos dar novidades—M. Y. Dio Nabo Arre.

Ministro da justiça sem Nyassa—Chó sé de Alpo Him.

Ministro da fazenda sem aguas de Vide Hago—T. Cheira de Sou Sá.

Ministro das obras publicas sem 1:500\$000 d'apontação na Companhia Real—F. F. Quina.

Ministro da marinha sem ingerencia na venda d'empregos—Giró Nimo Vaz-com-sellos.

Ministro dos estrangeiros com um tumor no estomago que lhe provoca inappetencia—Comes (em latim para se saber que nos quoque gens sumus) de Burr Né.

Damos a nossa palavra d'honra ao paiz que, se fór ao poder este ministerio, Portugal se ve-

rá dentro em pouco livre de dividas e a raça portugueza sentirá a Cornucopia da Abundancia a despejar-se prodigamente sobre as lusas cabeças.

E' pedir á Coróa que chame estes illustres cidadãos, lhes entregue o bastão do mando, e pôrmo-nos todos immediatamente de barriga ao ar e boca aberta á espera do novo manná do ceu, que nos venha matar a fome do corpo e a sede das dividas.

Vamos, senhores, sejam portuguezes e patriotas, pedindo a gritos que a fazenda publica passe para as mãos d'estes benemeritos!

Petardêtes de Lisboa

Nos cortejos e farranchos do domingo gordo figuraram já muitos figurões hintzaceos com mascaras novas e casacas viradas. Foi um ensaio para os bailes do sr. José Luciano e do sr. João Franco.

—Chamam-se agora, cá na alta roda da côrte, *bramões* os fidalgotes de meia tigela que vão abichando, *por fas* ou *por nefas*, o tratamento de *dom dom*, coisa riquissima que na Hespanha vale uma castanha... e em Portugal nem já isso val!

—Pela Academia R. das Sciencias vae ser officialmente proclamado «principe dos poetas lunaticos» o sempre original versista Eugenio de Castro, em que pése ao inventor dos «crótales sonoros da aurora» e ao jubilado auctor do *Diabo fechado na minha gaveta*, que tem incontestavelmente a prioridade como libertador da versificação nacional.

—No solar dos barrigas começou-se a chamar pela boea pequena um *cabraloff* a qualquer grulha altaneiro da minoria. Não sabemos se é com allusão ao sr. Alexandre Cabral e a seu irmão Antonio, dois principes russos que algum dia tiveram um certo poderio em Marcoff de Kanavezski.

—Um *reporter*, queremos dizer um furão do *Economista* anda afuando nas moitas do Terreiro do Paço, para caçar cifras com que prove que o sr. conselheiro Carrilho tem apenas *dois carrilhos* na boca para comer carne e rilhar ossos, encarrilhando o orçamento e desencarrilhando a nação.

—A Escola Medica de Lisboa acaba de averiguar e attestar que a prosa do nosso collega *A Parodia—Comedia portugueza* é actualmente o soporifero mais efficaz e mais innocente que a sciencia conhece, porque nos seus varios ingredientes não entra nenhum espirito. Isto entende-se exclusivamente da prosa, como a sobriedieta facultade mui conscienciosamente declara. Mas quem são os chimicos prosadores da magistral *Parodia*?

—Um pedreiro livre de alto grau asseverou-nos que o magico *monsieur* de Rochas, aqui em Lisboa, na retro-loja d'uma «grande loja» conseguiu uma appareição de Baphomet, muito clara para os kadosches que a viram e não menos terrivel por certos accidentes... e mais não quiz revelar-nos o nosso informador. Supponhamos que o *monsieur* satanista e os seus ir... se viram em calças pardas sem cercoilas de oleado. Foi bem feito.

Novo tormento

Dizem que fóra ha pouco um novo Danté Ao inferno fazer uma visita; E vendo a multidão quasi infinita De tratos, disse ao démo o visitante:

—«Ah! tu não tens aqui pena bastante «Para uma môça (e era tão bonita!) «Que eu amei com delirio; e a maldita «Deixou-me, e lá se foi com outro amante.»

—Manda-me para cá a tal donzella (Com sorriso infernal volve o *diacho*) —E deixar-te-ha, juro-o, bem vingado d'ella.

—Verás como eu sem dó aqui a escacho Sob o pezo sem fim da atroz loquela Do digno *par sem par* Dantas Baracho.

Pi-Careta.

CARTAS

De Braga

ao Porto

Fiel amigo:

Domingo gordo. Sol claro de um brilho que deslumbra, de uma temperatura que conforta, de uma alegria que rejuvenesce e anima.

Muita gente na Arcada esperando pacientemente os raros e intrepidos patriotas que, para honrar as tradições carnavalescas, apparecem envasilhados em duas anáguas de côr suspeitosa e com as focinheiras veladas por travesseiros de *crochet*, o melhor e mais economico systema de não gastar dinheiro, embora contra elle protestem e gremem os vendedores de caré-tas de papelão.

Lamentavel decadencia dos folguedos pagãos!

Nem o teu Figueiróa, com a sua apreçoada competencia e actividade, conseguiu erguer do leito em que curte a sua anemia profunda, este quasi cadaver, prestes a desaparecer do numero das diversões alegres e folionas.

Eu ainda tive vontade de descer do meu historico pedestal, vestir-me de Maria da Fonte e percorrer assim as ruas da cidade, intrigando os regeneradores e chuchando dos progressistas; reconheeí porém que tinha de lutar com a falta d'agua e já vês que uma fonte sem agua nem me estava a caracter, nem era das cousas mais refrigerantes. Deixei-me ficar em casa e não desci; desciço já eu tenho muito e bem contra a minha vontade.

Ai! Quando comparo a minha com a tua sorte, ás vezes até chorol...

Tu com largas ruas, espaçosas praças, soberbos edificios, frondosos jardins, um porto artificial, fontes magestosas, palacio de crystal, carros electricos, estradas de circumvalação, theatros, academias, escolas superiores e tudo o mais que tens ou pretendas ter, feito ou subsidiado á custa do Estado; e eu vivendo apenas dos meus mesquinhos rendimentos, dos meus pobres recursos, sem o mais pequeno auxilio ou ajuda dos poderes publicos. Já é ter má sorte!

Agora nem agua tenho! O projecto com o qual projectavam abastecer-me, lá foi por agua abaixo, de envolta com a nova cadeia. E', emfim, uma cadeia de desditas que não sei como soltar-me d'ella.

O poder central, que não gasta commigo uma de dez, comquanto absorva e sugue o melhor dos meus rendimentos, entendeu que eu gastava muito e ainda lhe dava pouco; e foise ao meu orçamento camareiro e cortou n'elle sem dó nem piedade. Nem a verba para os festejos de S. João me auctorizou. Reduziu-a, não direi á expressão mais simples, porque me faltam expressões com que manifeste o meu pesar e a funda magua que me alcança os seios d'alma.

Sem dinheiro, sem meios e sem recursos de especie alguma, como é que heide pôr na rua o Rei David?... Que outro motivo tenho eu para attrair aqui uma enorme quantidade de furafeiros que, de todos os pontos do paiz, affluam a esta cidade, affim de presenciarem a mais genuina e classica manifestação da arte choreographica?

Não te parece que isto é troça de mais? E tanto é que ainda hontem me passou á porta uma raparigueta das Pelhotas que ao ver-me parou um pouco e largou-me esta cantiga:

Oh Braga que foste Braga,
Oh Braga que já não és;
Não tens cadeia nem agua
Para lavar os teus pés.

Eu fiquei tão indignada com o insulto que respondi lá do alto no mesmo tom:

Canta assim qu' logo bebes,
Oh vida da minha vida,
Mas a respeito da agua
—Fala-me logo á sahida...

A tua leal amiga,

Braga.

Pela copia,
Thomé Thomaz.

O carnaval

«Foi-se o carnaval. O carnaval passou; já lá vai o carnaval»

Todos assim ficaram julgando, desde que o panteiro inexorável do relógio do tempo galgou as 12 da noite de 24 para 25 de Fevereiro.

Pois tenham v. ex.ª paciência, mas eu lhes asseguro que estão redondamente enganadinhos. O carnaval não passou; o carnaval não se foi; o carnaval ficou; o carnaval é mesmo chronico, é endemico entre nós, adquiriu fóros de instituição nacional, como vou provar com a evidencia e exactidão mathematica dos—tres e dois, cinco.

O carnaval ficou. Foi um d'estes dias até ás côrtes. Tinham-lhe dito que aquillo ali era a representação nacional; e elle, que tambem sabe ser educado quando é preciso, comprometteu-se a manter-se á devida altura da gravidade das circumstancias: tirou o chapéu, compoz as melenas e tomou uma attitude de seriedade irreprehensivel. Falava na occasião o sr. José de Alpoim; o carnaval ficou estarecido perante aquella impetuosidade de metaphoras e tropos, despenhando-se de enxurrada por aquella boca fóra, em catadupas de eloquencia tribunicia. E disse para o cicerone:

—Aquelle sujeito era bom para ministro.

—Já o foi, senhor.

—E que tal?

—Ora... Fez como os outros.

O carnaval sorriu-se lá para dentro, e continuou grave e sisudo.

Orou depois um fiel da seita governamental, fervoroso cyrinen do ministerio. O carnaval ficou novamente maravilhado e exclamou: —Ditoso paiz! Voltou novamente a esta terra a idade de ouro; Astreia baixou de novo a viver entre os homens! Ditosas gentes a quem nascerem nas hortas... tão illustres governos!

Mas o cicerone brejeiro, que tinha lume no olho, segredou-lhe ao ouvido:

—Não faça caso. Aquillo é tudo a fingir. Quanto a chelpa, que é aquillo com que se compram melões, não ha por lá nem cheta.

—Nesse caso, não é aquillo a representação nacional...

—Foi alcunha que lhe pozeram ha annos. Acharam-lhe a graça e a coisa pegou.

—Ora, holast!...

Poz o chapéu á Marialva, deu quatro pinótes, e poz-se a cantaroliar aquillo do Burro do sr. Alcaide (creio que é):

Viva a folia,
Dançar, dançar!
Haja alegria
A' beira-mar.

Quando foram dizer-lhe que eram horas de sair, respondeu: «Eu fico aqui.»

E lá ficou, como todos sabemos.

Depois foi á camara dos pares. «Juisinho—lhe disseram á entrada—que isto aqui é gente séria.» Elle poz-se sério.

Estava falando o sr. José Luciano, que, por signal, dava no sr. Hintze uma trepa de criar bicho. O carnaval disse então:

—Os senhores deviam chamar aquelle homem para presidente de ministros.

—Qual! Já o foi uma data de vezes, e sempre tem roído a corda; fíz sempre o contrario d'aquillo que promete, e, quando desce do poleiro, deixa-nos todos á paz de pipola, sem uma de X para mandar cantar um cego.

—Então não é sincero?

—Sincero amigo do Hintze, lá isso é. Os dois até são os irmãos siamezes da nossa politica; descompõem-se, para mais facilmente irem dividindo o bolo sem dar nas vistas; mas—aquí para nós—alguem os tem visto já muitas vezes a beijocarem-se escandalosamente.

—Cebo de grillo com o negocio!

Fez quatro piruetas engraçadas, deu tres gargalhadas, foi sentar-se ao lado dos ministros, e nunca mais quiz sair d'ali.

Outro dia entrou n'um dos nossos lyceus—parece que resolvido a matricular-se tambem, para satisfazer ás exigencias da opinião publica, que reclama que elle se civilise. A' porta topou com um rapazinho ajojado sob uma carga de livros, livrécos e livrinhos.

—Tu já estudas? perguntou-lhe.

—Sim, senhor.

—E que estudas tu?

—Portuguez, francez, latim, allemão, inglez, geographia, historia, arithmetica, algebra, geometria, historia natural, zoologia, physica, botanica, chimica, geologia, mineralogia, desenho, philosophia...

—E quando é que dormes e comes?

—Eu, senhor, não tenho tempo para comer nem para dormir.

—Basta. Isto é que me serve; já d'aqui não saio.

E lá ficou, presidindo, em nome do sr. Hintze e mais do sr. Abel aquella authentississima entrudada.

Tambem quiz, de uma vez, visitar um dos nossos quartéis militares. Procurou arremedar uma attitude marcial, a altura do papel; perfilou-se, e fez a continencia militar, com um garbo e distincção que levaria as lampas ao menos estúpido cabo de esquadra. Perguntou pelas noticias frescas.

—As da ultima hora são que vai fazer-se uma reforma de altissima importancia, capaz de estupidificar de assombro o genio de um general Bota.

—Ora essa! Então que ha?

—E' que foram reformados, de fonde em comble, os nossos uniformes militares. Os botões são muito mais amarelos; as dragonas mais bonitas; os vivos mais avivados, o kepi mais esbelto; a barretina uma formosura; o dolman um primor; o penacho uma lindeza; as calças, os fundilhos, as correias, as fivellas... enfim: um authentico primor artistico!

—Muito me contam. E quem fez tudo isso?

—Quem fez... Pois quem havia de ser?...

O ministro, o Pimentel, o rei de quantas festas se fazem n'esta terra.

—Então o ministro da guerra gasta o seu tempo com essas coisas?

—E que tem isso? E' talento natural, é habilidade ingenita.

—Em vista d'isso, esta casa é minha; quem manda aqui, sou eu. Rapazes: viva a pandegal E o carnaval tomou conta d'aquillo.

E assim tem ido, a *molle-molle*, tomando conta de tudo mais.

Nas secretarias de estado, quem manda é elle; nas repartições publicas, quem governa é elle; nas eleições, quem faz os deputados, é elle, e aqui está a razão por que os taes nos saem sempre, por via de regra, uns grandessimos pandegos, mascarados de gente séria, patriótica e sincera.

Se se faz uma lei, é o carnaval que a redige—e sai carnavalesca. Se se faz uma reforma, é o carnaval que a dirige—e sae entrudada. Se se faz qualquer nomeação, o carnaval impõe-se—e temos patascada; se se faz qualquer coisa, lá vai o carnaval metter o bedelho—e ahí temos fantochada certa.

Quem governa n'este paiz? O rei não, porque o rei—em que peze ao Zé Mandarin de Azevedo Rabicho Fun-fun—reina mas não governa. O governo tambem não, porque a vontade propria do governo foi ha muito tempo confiscada e monopolizada pelo Navarro e mais fieis da seita. Será então o Navarro, e mais os da panella? Tambem não, porque o Navarro só tem tempo para governar no Nyassa e mais no Luso.

Quem governa então? O povo soberano tambem não; porque, se elle governasse... ai, bemdito cacete, o que tu não terias feito a estas horas!...

Deve ser então a carta constitucional que nos governa... Tambem não, porque d'essa fizeram ha muito capa de pedintes, como dizia o outro.

Ninguém d'ella faz caso. Ella diz por exemplo: «quero que a lei seja igual para todos»; e os repontões retrucam-lhe: qual historia? A lei é para os que não se podem escapar d'ella. A velhóta insiste: «ninguém pôde ser obrigado a fazer ou de-lhe de fazer coisa alguma, senão em virtude da lei; e o senhor da Veiga reponha: A lei está aqui (e bate gravemente na testa.) Diz depois: «A religião catholica é a religião do estado, etc.» E o ministro da justiça manda-lhe o seguinte recado por um cctinuo

da secretaria: «diga lá a essa velhóta bisbilhoteira que não metta o nariz onde não é chamada; quem governa n'isso sou eu». — Logo, a carta tambem não governa.

Quem governa então?...

Já os senhores o sabem: é o entrudo.

Pelo que, concluimos dizendo: o carnaval não passou; o carnaval ficou: o carnaval pertence já aos nossos costumes politicos; o carnaval é uma instituição nacional.

Argus.

Novidades petardeiras

E' geral no Porto e nos povos comarcações o descontentamento por não terem sahido no entrudo os meninos orphãos formados a cavallo e reformados a *caburro*. Na Praça Nova notou-se que por esse motivo ficára triste e amado, sem comer nada, o cavallo de D. Pedro, que esperava dar um passeio com o grande reformador na garupa. O Infante D. Henrique logo quiz escrever uma descompostura em latim ao seu duas vezes *patricio*; mas não o pôde fazer por ter os dedos tolhidos com a estúpida manopla que mestre Thomaz lhe chumbou.

—Tem resistido admiravelmente aos rigores do inverno aquella senhoarça que mora no alto do edificio da Relação. E' de notar e pasmar que poucos cidadãos do Porto lhe sabem o nome. Os rapazes da visinhança chamam-lhe Sam Miguel, não lhes fazendo especie que a figura seja de mulher, porque sabem, desde que deixaram de mamar, que ha mulheres anjos e mulheres demonios. Mas aquella é a senhora Dona Justica, que, por não lhe darem logar condigno no tribunal, se passou lá para cima e lá se mantem a pé quedo desde o tempo do corregedor Almada. Um epigramma de pedra aos desembargadores!

—Em Mattosinhos nota-se a falta de varios judeus nas capellas dos *passos*. E' porque andam na cidade a tratar dos seus negocios.

—Pelo telegrapho sem fios recebemos d'Evora cidade a seguinte parte:

«O dr. Sal de azedas, pretendendo localizar a epizootia do gado hintzaceo na cabeça do districto, não tem feito mais que envenenar esses pobres animaes em todo o Alemtejo. Outros facultativos começaram a applicar o soro francaceo com bom resultado.»

Pedimos aos leitores naturalistas que não confundam gado hintzaceo com gado suino, porque o segundo no Alemtejo é superior ao primeiro e tem muito maior peso na balança politica do paiz.

—Os «mercantes do Porto» que se prezam vão convidar o seu amigo Navarria a vir cá metter a batata nos focos pestiferos e explorar o saneamento da cidade, como engenheiro, como jornalista, como especialista em estruturas e como syndicateiro mór. D'esta feita, com effeito, vai a effeito o saneamento do Porto... da Praça Nova; e a prova é que lhe desinfectaram já a cimeira do capacet e a ponta da lança empedadas pelos andorinhões.

—Já estão de volta (volta sem cabeção) os curiosos tripeiros que foram a Lisboa ver o enterro do carnaval e parece que veem da Nazareth. Andaram por lá pingando, e chegam escorridos. Mettem dó os desgraçados!

Por aquella não esperava eu!

Hontem á noite, a pé—nem uma de X para pagar o electrico—de vagar—tambem só assim—subiu eu a Rua de S. Antonio. Lá no cimo, mesmo á esquerda, encontrei um amator da pinga, em estado de embriaguez, cercado de alguns populares.

—Homem—diziam-lhe—como foi possivel que você se puzesse n'esse estado?...

—Sa...be...rão os senhores que, quando be...bo qua...tro ou cinco có...pi...tos, já não sou eu, sou... outro... Pois bem; esse outro n...ão te...rá direito a beber outros quatro ou cin...co cópitos?...

Estes philosophos da taberna não deixam, ás vezes, de ter sua graça e repostas muito a tem o.



Leão XIII é o gigante que tem legislado para tudo, para todos e para todos os tempos. No código fundamental da nossa santa religião—o Evangelho—encontra tesouros inexauríveis de ensinamentos, que o seu grande coração de Pai vai espargindo como bálsamo consolador nos corações ulcerados por toda a espécie de infortúnios.

Pregando continuamente o amor de Deus e do próximo, lançou os fundamentos d'uma nova face social, que tem por alicerces—Deus—e por cimento a Caridade.

Carta de "Fra Monoculo," aos amigos d' "O Petardo,"

Sapientissime Pater, fratresque dilectissimi

Nos lirias cumes nevados dos sonhos angelicos onde minha alma se adormenta em paradisiacas imagens produzidas pelo alcaideado nectar conhecido entre as orientaes gentes pelo nome de *hatchis*; no silencioso valle onde em eterno somno eternamente dorme a mysteriosa cidade dos sete silencios ou do silencio perfeito; na paz profunda do meu profundo espirito encerrado em estreita cella n'um dos pontos mais elevados e fora do humano contacto, d'esta ruidosa cidade que se chama Madrid; foi recebida vossa missiva, *carissime Pater*, e a ella hoje passo a responder.

Não sei se podereis comprehender sem profundo estudo toda a jeringonça com que dou começo a esta epistola; se não o conseguis tanto peor para vós: isso provará que sois profanos, todavia não versados nas bellas do *modern style*, nem iniciados nos profundos mysterios da arte symbolica, e n'esse caso não vos fica mais recurso que prostrar-vos reverentes deante dos geniaes raios saídos do meu cerebro chegado á incandescencia pelas elevadas temperaturas das reacções que n'elle dá lugar o symbolismo, e cheio de respeito exclamar como deante d'um novo Dante, disposto a baixar ás profundas dos infernos, detraz da ultima edição da tragica Beatriz:

Onorate l'altissimo poeta...!

Elevada na contemplação de sideraes bellas, minha alma astral attingiu de ha muito o *nirvana* intellectual e de ha muito colheu o místico *lotus* da sciencia summa. Hoje já não sou um simples mortal, um homem como outro qualquer; não, hoje sou um *super-homem* encartado, e é com um *super... burro*—perdão! quero dizer com um *super-homem*,—com quem, *sapientissime Pater et carissimi fratres*, tereis de tratar de hoje em diante.

De ha longos annos que eu me sentia deslocado n'este miseravel planeta. Meu espirito esclarecido sentia a attração do ether interplanetario, minha alma sentia o horror da sopa de macarrão, do cosido domestico e até do *gadás morrhua* (vulgo bacalhau) com que *in illo tempore* havia muitas vezes proporcionado semi-divinaes prazeres a meu paladar todavia grosseiro, mas hoje já me dei conta da situação critica em que me colloquei, hoje já cheguei a comprehender que como outra alma de Garigay, me encontro suspenso entre o ceu e a terra; demasiado material para ser espirito puro; demasiado espirital para ser um homem.

Essa revelação, oh Zeus! devo-a ao inclito philosopho, ao illustre pensionista de manicómio, ao genial escripto r.F. Nietzsche, ultima produção d'aquella gloriosa falange de *maduros* em cujas filas figuraram os santos padres Hegel, Shelling, Büchner e outros estramboticos talentos, que qual nuvem de gafanhotos surgidos das neves germanicas, assolaram o melhor das juvenis intelligencias d'esta terra de sol e uvas, que chamamos Lacio. Sim, *dilectissimi Pater et fratres*, sim, a Nietzsche, e aquella obra sua intitulada: *So spricht Zarathustra*, que teve a bondade de emprestar-me o meu bom amigo Mister Brandydrink, illustre professor de paradoxismo fundamental e integral na Universidade de Kartoffelkuchen, devo a convicção que hoje possuo, de que sou um *super-homem*.

E quereis que vos escreva? Tendes a ousadia de expressar o desejo de que eu collabore n' *O Petardo*? Oh! é que não sabeis até que ponto estou occupado com os doces colloquios que espiritualmente sustenho com uma azul selenita, de desgrenhadas mellenas e olhos garços; não sabeis até que ponto minha phantasia viaja pelos roxos paizes da inspiração em busca do magico trebol amarello que em companhia do desconhecido lirio azul, florece nas margens magnetic-platonicas do lago verde das minhas negras melancholias. Não sabeis... não... não sabeis!...

Ah! Mas por Bhrama, Vishnu e Shiva e todas as trindades miticas que nos salomonicos

templos babilonicos presidiam ás cerimoniaes liturgicas com que em conformidade com o ritual egypcio memphitico os assirios effectuavam suas tenebrosas iniciaciones no templo de Moloch, e por todo o sangue de bezerro vertido pelos caldeos em milhares de cerimoniaes numpciaes, escrever-vos-hei, já que assim m'o pedis! Comprometto minha palavra de bardo, juro sobre as immaculadas petalas da flôr predilecta de Osiris; sim, *Pater*, sim, talvez vos escreva...

Madrid, millesimo banco do jardim d'El Retiro, 20 de Janeiro de 1903.

Fr. Guy (el del monoculo).

Que Heroes!...

(Ao correr da penna)

Para que ao já famoso Carnaval
Que a cidade de *marmore e granito*
Este anno vae ter, não falte nada...
Ensaia-se uma grande mascarada
Que, segundo um postal que me foi scripto
Promette vir a ser pyramidal!!

São sete os engraçados! O primeiro
Que ostentará um fato de baeta...
Irá á frente do famoso bando
Fazendo piruetas e cantando
Uma passagem do *Ali... a préta...*
Visto que p'ra passagens... é arteiro!...

O segundo escolheu, podera não...
Uma casaca cheia de galões
E um chapéu de plumas enfeitado...
O terceiro pretende ir matizado
De setes, noves, cifras e cifrões...
Pois só se entende com numeração!...

Os restantes irão executando
Em gaitinhas de foles e tambores...
Uma marcha composta expressamente
P'ros ouvidos dar cabo a toda a gente
Que escutar um momento os taes senhores
Que constituem o famoso bando!...

Quem sejam os garridos mascarados
Se ainda não presumeis, ó leitor,
Fica-o a saber: são os regentes
Que governam agora as *lusas-gentes*
Com um criterio tal, um tal primór...
Que todo o mundo os julga alienados!...

Ri-Cardo.

Carta de namoro

Perdida em uma alfurja de Lisboa, e encontrada por um vendedor de jornaes

Minha querida Pasta:

Lembro-me de ouvir dizer que já houve uma celebre cantora italiana com o teu nome, e que, como é de uso e costume, fez andar pelos ares a cabeça de muito e boa gente. Eu porém nunca fui grande amator do *bel canto*, nem gastei jámais o meu tempo em namorar as *divas*. Não te escreveria pois estas duas mal traçadas linhas se tu fosses uma dama apenas notavel pelos afinados gorgeios de ave theatral. Não, minha querida; os teus merecimentos são muito mais subidos, porque reunes em ti a honra e o proveito, pois ao revez das taes *divas*, em lugar de esfolares os teus adoradores, ajudal-os a esfolar o paiz. Namoro-te porque já tive a fortuna de abraçar-te, ou antes, de sobraçar-te, e tu deixaste-me as mais fundas recordações e pungentes saudades. Ajudaste-me a arrumar a minha faminta parentella e os meus não menos famintos amigos; e eu desde então nunca mais pude esquecer-te. Amo te *pelo cerebro e pelo coração*; e sou capaz de sacrificio, para outra vez te obter, metade do meu volumoso tecido adiposo. Sinto ciume, sinto raiva, dano-me emfim quando te vejo requestrada por tantos rivaes. E perco de todo o resto do pouco juizo,

que tenho, se continto a ver-te nas unhas de um homem sem merecimento, sem coração, e até sem belleza esthetica, pois me dizem que até tem rabo como os macacos!

Vem pois, minha formosa e adorada Pasta, vem consolar este infeliz, que por ti suspira, por ti soluça, por ti chora e por ti ruge e ronca como a cratera de um vulcão.

Eu morro se te demoras; suicido-me se passas para debaixo do braço de outro. Dize-me que tambem me desejas, que tambem me amas; e auctorisa-me sem perda de tempo a mandar pedir a tua mão pelo meu particular amigo e confrade José Lucas Ano, que muito se interessa pela minha ventura, e que será o padrinho do nosso auspicioso casamento.

Teu para a vida, e talvez para a morte.

Lisboa, em dia de S. Lazaro, 11 de Fevereiro de 1903.

(a) *O heroe do Dia.*

Copia conferida e concertada por

Pi-Careta.

A retreta a tocar

Cornetas

Temos menino, temos néné:
Ha-de chamar-se Bernardo, olé.

Tambores

O patrão diz que sim; e a patroa diz que não. O patrão diz que sim; e a patroa diz que não.

Cornetas

Vamos comendo, que paga o Zé;
Vamos dançando, lari-ló-lé.

Tambores

A nação vai assim, e assim vai a rotação. A nação vai assim, e assim vai a rotação.

Cornetas

Que reinadio o Hintze é, é!
E o Luciano tambem o é!

Tambores

O patrão diz que sim, e a patroa diz que não. O patrão diz que sim, e a patroa diz que não.

Cornetas

Pode o Navarro passar o pé;
Que nós passamos sem elle, olé!

Tambores

A nação vai assim, e assim vai a rotação. A nação vai assim e assim vai a rotação.

Cornetas

Venham albardas que leve o Zé;
Venha dinheiro para o banzé.

Tambores

O patrão diz que sim, e a patroa diz que não. O patrão diz que sim, e a patroa diz que não.

A logica:

Exemplo de um circulo bicudo:

—Um funil.

—Exacto.

*
Ora, a lei em Portugal é um funil; logo a lei é um circulo bicudo. Mas um circulo bicudo é um contra-senso; logo a lei em Portugal é um contra-senso.

Dá-se um rebuçado a quem fór capaz de encontrar um senão n'este argumento.

—Porque na cadeia se veem muitos homens e poucas mulheres?

—Porque na igreja sempre se veem mais mulheres que homens.

Coplas

Para se cantarem no fim da farça

A astucia do estudante malograda

O castigo quando tarda,
Vem depois mais humilhante.
Ande lá, meu estudante,
Anda lá com essa albarda.

Se o burrinho precisar
Que lhe faça operação,
Já fui seu cirurgião,
Pois serei seu alveitar.

P'ra curar da jogatina
Bom remedio, um albardão.
Oh que récipe ratão!
Oh que nova medicina!

O filho ao Braz

Quem levou tanto capote,
Tambem lanta um albardão.
Dê-me, pae, o seu perdão;
Que eu irei correndo a trote.

O pae ao publico

Burros somos, nós os paes,
Em manter estes ladrões;
Merecemos albardões,
Mais do que elles, muito mais.

Ego.

Correio de casa

Alberto Casso—Ora graças ás cabaças que nos appareceu cá por casa um lyrico com paixoneta; pãosinho que, ha muito tempo, nos não visitava. O Casso manda-nos uma versalhada—A *Ellal*—que não está mal feita (o babola tem um pouco d'habilidade para versejar), mas que está lamecha como seiscentos maeacos. Amostra:

Adeus, linda flor,
Adeus, cherubim,
Adeus, meu amor,
Adeus, meu jasmim.

Quando eu te vi,
Meu anjo adorado,
Para ti me iri
Todo consolado.

Pudera pores-te a chorar, meu tolo, e a dizeres-lhe que estavas com a alma triste como a noite.

O Casso não nos diz o que ella lhe disse quando o viu a rir, consolado da sua vida. Provavelmente, vendo que elle tinha os dentes amarellos, recommendou-lhe que comprasse uma escova dos ditos e pós dentrificicos para apresentar a dentuça a condizer com a alegria que lhe ia no coração.

E nós, que haviamos feito proposito de não nos referirmos nunca a pãosinhos d'esta ordem!... Fechada a porta.

Zézinho—Sim, senhor, tem muita razão, mas nós ainda temos mais. O Zézinho escreve bem, pode vir a dar um bom petardista, mas tem a mania de tratar assumptos escabrosos. Nós não queremos saber de questões particulares, nem temos aqui o jornal ás ordens para o amigo dar ferroadas nas pessoas que lhe desagradam. Mude de rumo e terá em nós amigos para todo o inverno.

Juca—Se você não entendeu, seu moço, o que leu, nós enfermamos da mesma molestia. Publicamol-a, apesar de ser o que era, porque... publicamos, está dito tudo. Mas, como a você succedeu, não mettemos dente na tal endiabrada prosa, especialmente em certos termos technicos. São altas congeminencias dos espiritos que se livram ás altas regiões da Sciencia, nas quaes nos não é dado penetrar por falta d'asas. Fica satisfeito, Juca, com a explicação?

Lucas—Oh filhinho, a tua ideia é excelente, mas não pôde ter realisação no *Petardo*, porque isto é um jornal para rir. Assumptos

d'esses, que exigem seriedade, só podem ser tratados em revistas catholicas ou em diarios religiosos. Porque não bate o Lucas a porta d'outros jornaes que estejam nas condições de lhe satisfazer os desejos?

Brejeiro—Se nós tivéssemos vontade d'ir fazer companhia ao Brejeiro n'uma policia correccional e apanharmos custas do processo e mais uns póitos para pagar os dias de prisão em que fossemos condemnados, da melhor vontade publicaríamos o—*Caroca á mostral*—do amigo Brejeiro.—Como não tems, vae a sua rica prosa para o cesto do lixo. E não gaste mais tinta e papel com taes porcarias.

Tiroliro—Queixa-se-nos o Tiroliro de que não só commetemos a patifaria de lhe não publicar um coxissimo soneto, mas lhe fizemos a desconsideração de nem sequer lhe dizer—agua vae!—no *Correio da casa*. Tem razão; mas foi assim porque logo vimos pela aragem quem vinha na carruagem. Tu, Tiroliro amigo, denunciaste-te á primeira abordagem não só um cretino—(consola-te, que rima com Pae Paulino!)—mas um mal educado de marca G., porque nos trataste por tu, e, por mais que puxemos pela nossa reminiscencia, não nos recorda que hajamos comido, em tempo algum da nossa vida, na mesma pia.

Para outra vez, se quizeres ser servido, sé menos tolo e um pouco mais bem educado. E vae-te para longe de nós, porque foste um dos homens que conseguiste mexer-nos com os nervos.

Serigaita—Não pôde ser, menina: é contra o regulamento da casa. A pobre Serigaita quer que lhe publiquemos um annuncio, ou coisa que o valha, em que ella se offerece para casar com um joven de 25 a 30 annos, de boa familia, bem instruido e de sentimentos christãos. Bem sabemos que é brincadeira; mas—quem sabe?—as bichas podiam pegar, e nós ficaríamos eternamente com o remorso de ter contribuido para a Serigaita arranjar a sorte grande á custa apenas de meia duzia de linhas, escriptas por desenfado n'uma folha de papel fino.

Charada combinada por syllabas

- 1.^a + pas=Na barriga
2.^a + to=A cima da barriga
3.^a + to=Mais acima

São do Porto.

- 1.^a + be=Quem tem séde
2.^a + ve=Branca e fria
3.^a + to=Prohibo, em latim
4.^a + no=Este homem
5.^a + lo=Tem Juizo

No *Petardo*.

Logogripho

E' aqui, bem pertinho—3, 2
E irmão bem querido—11, 2, 1, 5
Animal engraçadinho—11, 12, 6, 12
Mas está adornecido—6, 2, 1, 7

E' brando, avelludado—11, 7, 3, 4, 5
Solitario, conventual—11, 12, 6, 7, 3, 2, 8
Companheiros na ventura
Sendo-lhes a desventura igual 10, 5, 3, 9, 12, 10

E' novo, mas dá esperanças
Apezar de bem combatido;
Fazem-lhe guerra de morte
Os de coração combatido.

Paio.

Charada

Alto! Não sigas!...—2
Assim, girando, sempre á roda—2
Aperta, que está em moda.

Paio.

Charada em triangulo

Dedicada ao distincto charadista Bahia

Existe um em Portugal;
Alguns na Universidade;
Muitos n'esse mar extenso
Agradavel á mocidade.
No espelho lá te vemos;
Tu que és monte d'África;
E do mundo mui presado;
Pois és uma constellação;
Tu tempo do verho haver;
Tu uma proposição

Capateiro.

Charadas novissimas

- 1.^a Gira, e no caminho apanha a ventania.
1, 2.
2.^a E' duro e antigo este mister. 2, 2.
3.^a No entretanto, pega-se na extremidade de um vaso, e aqui tem já uma comparação.
1, 2, 2.
4.^a Este metal com troca de letras tem o feitto de uma estação ferroviaria. 2, 2.
5.^a E' vento que chega ao nariz lá no paço.
1, 2.
6.^a Aqui é uma provincia por onde passam todos. 1, 2.
7.^a Não passo além com o palavrado. 2, 1.

Charada novissima

(Do numero anterior)

- 1.^a—Operario; 2.^a—Cabrito.

Charada combinada por syllabas

(Do numero anterior)

Solução—Viva o partido nacionalista!

Charadas (bisadas)

(Do numero anterior)

- 1.^a—Cadeira; 2.^a—Almada; 3.^a—Pereira.

Charadas (invertidas) por syllabas

(Do numero anterior)

- 1.^a—Gato; 2.^a—Pará.

Charadas (novissimas)

(Do numero anterior)

- 1.^a—Trocado; 2.^a—Justino; 3.^a—Soledade.

Charada em phrase

O instrumento explora o jornal-1-2.

Negocio.

Serviço da administração

Pagos os numeros

3211, 2821, 3892, 3893, 3894, 2516, 2249,
3233, 2576, 4040, 3764, 2368, 424, 2165, 2595,
4046, 2068, 2309, 299, 4035, 4036, 1866, 1842,
3913, 384, 4136, 4161, 4162, 4163, 1684, 4,
4165, 4081, 3430, 3801, 978, 3361, 3695, 3494,
3906, 3907, 2570, 1456, 4094, 4212, 3679, 4215,
4216, 2241, 3767, 407, 404, 3232, 4241, 4242,
4317, 4176, 4247, 3882, 2794, 4880, 3937, 2300,
3180, 2202, 1807, 1642, 4096, 1183, 3014, 2037,
738, 4312, 1315, 1314, 900, 674, 912, 2127,
2768, 4248, 3832, 3638, 1435, 1901, 3158,
3644, 3645, 3376, 4185, 3358, 3713.

VIVA O PROGRESSO

